

Levantamento relaciona ocorrências com diferenças socioeconômicas das regiões de Campinas

Geógrafo mapeia territórios da violência

LUIZ SUGIMOTO

sugimoto@reitoria.unicamp.br

Um molde de plástico vazado é firmado sobre o papel e, com um lápis bem apontado na outra mão, a criança traça caprichosamente os contornos do Brasil, antes de pintar o mapa na cor preferida. Assim é a geografia no grupo escolar. Talvez influenciados por esta imagem, os amigos ficaram sem compreender porque Lucas de Melo Melgaço decidiu abandonar o concorrido curso de engenharia na Escola Politécnica da USP para estudar geografia no Instituto de Geociências (IG) da Unicamp.

Hoje, recém-formado, Melgaço ainda escolhe as cores com cuidado (em cartografia, há normas como o azul para representar a hidrografia), mas tem muito mais a dizer sobre o conteúdo da disciplina: “Uma geografia que se propõe ativa não pode considerar o espaço geográfico apenas como território, mas como território usado por seus habitantes. O território é resultado do processo histórico e a base material e social das novas ações humanas”, justifica Melgaço, citando o geógrafo e pensador Milton Santos, cujos conceitos pautam sua monografia de conclusão de curso: *Uso do território, violência e tecnologias da informação: o caso de Campinas*.

O trabalho foi orientado pela professora Maria Adélia Aparecida de Souza e já conta com financiamento

aprovado da Fapesp para ser aprofundado em âmbito de mestrado. O resultado prático é o mapeamento dos homicídios e seqüestros-relâmpagos na cidade, relacionando áreas de incidência com renda das populações locais, cobertura de delegacias policiais e serviços de unidades de saúde.

“A violência, em si, não é assunto da geografia, mas está relacionada com o espaço. A violência é uma prática sócio-espacial”, justifica.

O apoio institucional da Unicamp foi importante para que os órgãos responsáveis confiassem seus bancos de dados a Lucas Melgaço. Na Secretaria Municipal de Saúde, ele obteve as declarações de óbito desde 1997, contendo, entre outros, três campos de seu interesse: *causa mortis* (doenças ou causas externas como homicídio), local do óbito e endereço de residência do indivíduo. A Guarda Municipal destacou tipo e quantidade de incidentes em escolas públicas. O *Correio Popular*, jornal local, disponibilizou arquivo em que reúne todas as notícias relacionadas com a violência urbana a partir de 1993, inclusive de seqüestros-relâmpagos.

Melgaço munuiu-se ainda de um mapa digital recente de Campinas, um mapa de Unidades Territoriais de Base (UTBs) que permitiu localizar as populações faveladas e de um mapa das Unidades Básicas de Saúde (UBS). Transportando tudo para um SIG, sistema computadorizado que ordena informações geo-referenciadas, o geógrafo chegou a mapas como os exibidos nesta página. “Os SIGs trazem as maiores possibilidades de representação cartográfica, pois são capazes de trabalhar com dados de temáticas diversas (saúde, educação, segurança pública, transportes, cobertura vegetal, urbanização) e relacionar essas variáveis de forma bastante complexa, oferecendo um rico panorama dos fluxos e dinâmicas sociais”, explica.

Resultados – O olhar superficial sobre os mapas não denuncia um quadro diferente do já conhecido de Campinas, como a concentração da pobreza e dos homicídios no sudoeste da cidade, e dos seqüestros-relâmpagos nas áreas centrais e norte (de renda mais elevada). Mas, so-

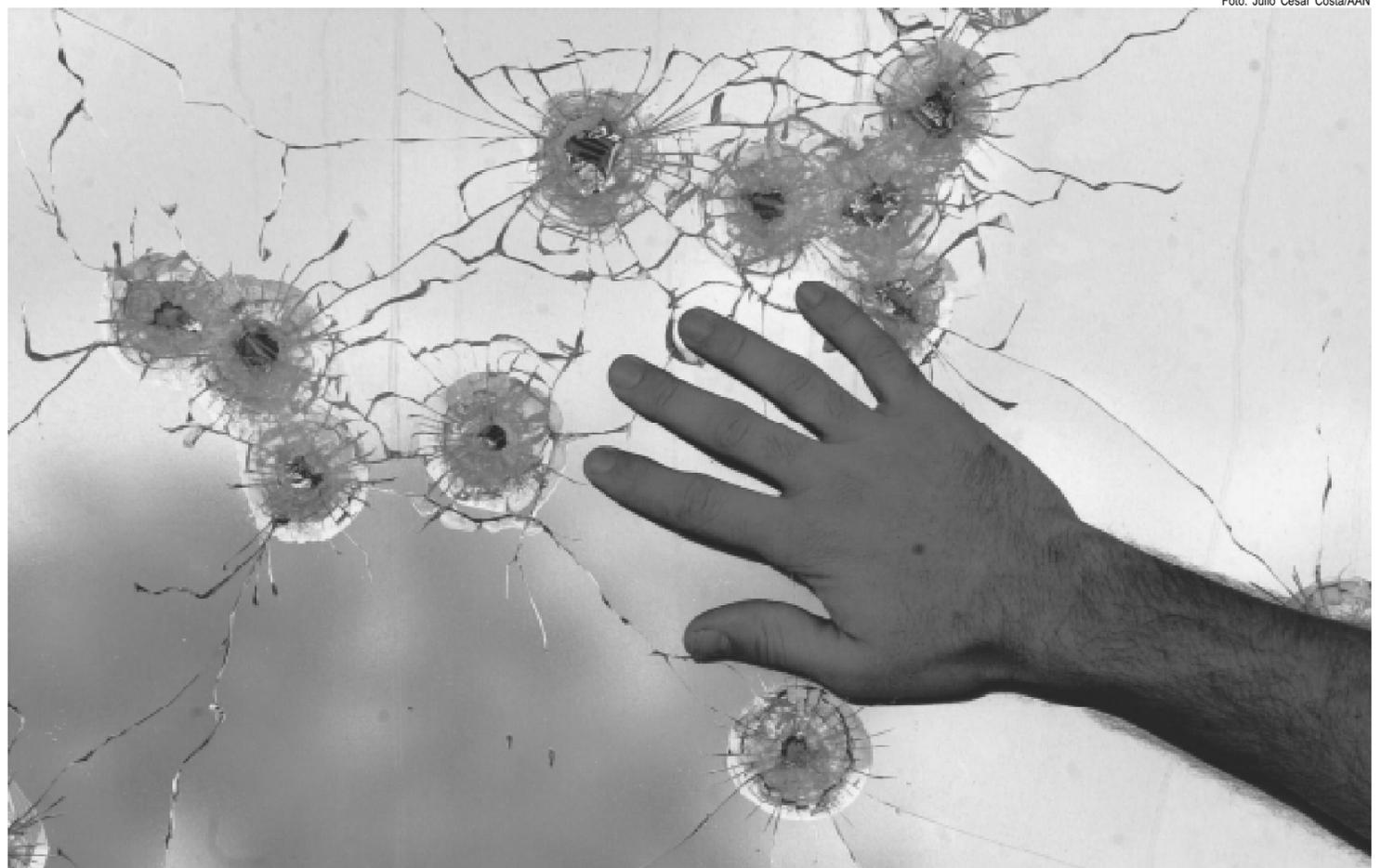


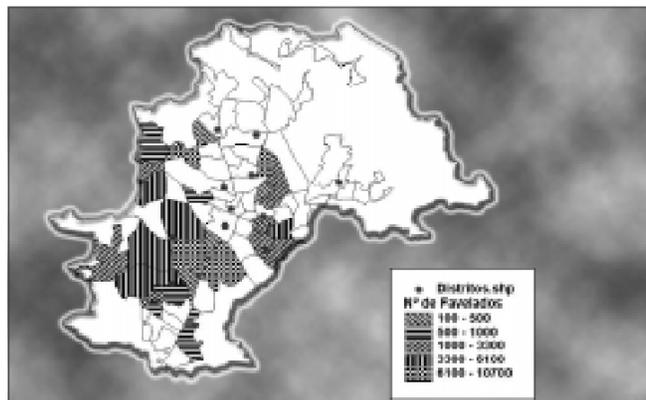
Foto: Júlio César Costa/AA

A sobreposição de imagens e dados expõe detalhes que, segundo o pesquisador, ainda não atraíram a atenção das autoridades

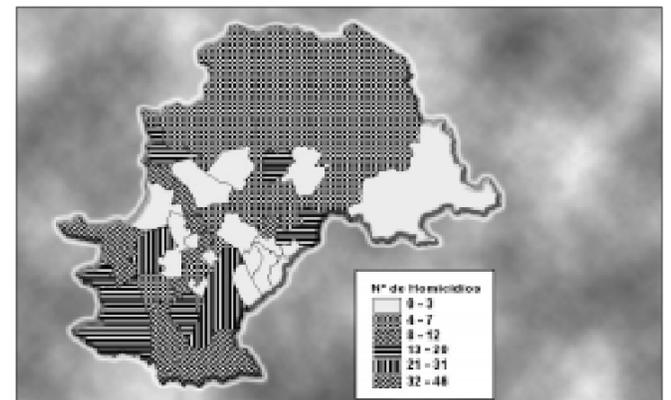
Arte: Luis Paulo

Ferramenta pode ser útil para orientar políticas públicas e ações pontuais da polícia

Mapa dos DPs de Campinas sobreposto ao de favelados por UTB - 1996



Homicídios em Campinas por Unidades Básicas de Saúde - 2001



brepondo-se imagens e dados, ficam expostos detalhes que, pelo visto, ainda não atraíram a atenção das autoridades: a proximidade entre o local do homicídio e a residência da vítima, os quarteirões onde ocorrem mais seqüestros, as questões referentes à distribuição dos distritos policiais, o aumento da criminalidade proporcional ao crescimento de favelas em determinada região.

“Esses resultados são interessantes porque, entre outras coisas, mostram que não vale a pena formular um índice de criminalidade na cidade. Os crimes acontecem de forma diferente em lugares diferentes. Ao optarmos pela média, corremos o risco de mascarar a violência”, observa. Durante o mestrado, o pesquisador pretende enriquecer sua ferramenta com dados sobre outros delitos (assalto a mão armada, roubos de veículos, tráfico de drogas), delegacias, prisões, escolas e áreas de lazer. “É possível localizar pontualmente os focos dos crimes, inclusive apontando dias e horários de incidência, direcionando tanto as ações ostensivas da polícia quanto as medidas estruturais por parte do poder público, como a implantação de postos policiais e de saúde e a iluminação de vias e parques”, garante.

Mapa do cidadão – Alegando que a maioria das informações de geoprocessamento é gerada por órgãos públicos ou grandes empresas, normalmente visando a atender interesses hegemônicos, Lucas Melgaço propõe a chamada “carto-



Foto: Neldo Cantanti

O geógrafo Lucas de Melo Melgaço: “A violência é uma prática sócio-espacial”

grafia do lugar”. Nela se prega que a população local seja capacitada não apenas a ler, mas a criar, armazenar, processar e interpretar as informações sobre a realidade do lugar, sem a passagem por filtros, oferecendo subsídios para o exercício de uma das principais formas de cidadania: a de intervir. “Somente o habitante, através do seu cotidiano, é capaz de conceber o lugar como uma totalidade. Ele conhece as práticas espaciais ali vigentes. Assimilar esse conhecimento por meio de tecnologias de geoprocessamento pode ajudar o cidadão a influir na implantação de políticas públicas, inclusive quanto à questão da violência. A ‘cartografia do lugar’ elaboraria mapas para o cidadão”, afirma Melgaço.

Campinas é modelo das teorias de Milton Santos

Campinas é um bom modelo para conferir os ensinamentos de Milton Santos. Lucas de Melo Melgaço associa o aumento vertiginoso da violência no município ao crescimento populacional a partir dos anos 70, quando se inicia a construção dos Distritos Industriais (DICs) e se implanta um modelo de desenvolvimento baseado em elementos de ponta, como a Unicamp e o projeto de instituição de polos tecnológicos. “Em curtíssimo espaço de tempo, a cidade inicia atividades mais voltadas à natureza do funcionamento do mundo do que às particularidades do processo de urbanização brasileiro. Além dos cientistas e trabalhadores altamente qualificados, chega uma população pobre que não participa desta lógica, comprometendo a qualidade de vida e a dinâmica do uso do território”, afirma.

De Milton Santos, Melgaço empresta os conceitos de “espaços luminosos” e “espaços opacos”. Grosso modo, espaços luminosos são aqueles bem servidos pelas redes informacionais – telecomunicações, transporte, infra-estrutura urbana – e onde agentes hegemônicos representados pela população mais rica e organizada ditam as regras. Os espaços opacos estão no interstício dessas redes, onde as modernizações e as políticas públicas não chegam, apesar de seus habitantes participarem da lógica que move a cidade enquanto trabalhadores de baixa qualificação, desempregados ou marginais. “A fibra óptica passa ao lado da rodovia Adhemar de Barros (SP-

340), cortando o São Marcos, bairro pobre e violento de Campinas, mas aquela população não tem o menor acesso a esta tecnologia”, ilustra o geógrafo.

Ele também lembra os conceitos de violência: a violência coletiva, que é a guerra; a institucional, que é a ditadura; a cultural, como o racismo; a individual, praticada contra crianças, por exemplo; e a violência estrutural, que resulta da estrutura da sociedade. “A meu ver, o que vale é a violência estrutural, as demais são consequências dela. A população não absorvida pelo chamado ‘círculo superior da economia’ acaba por se aglomerar nas favelas, num confronto evidente entre riqueza e pobreza no mundo do trabalho. É ali, nos espaços opacos, nos quais a atuação do estado é escassa, que o crime organizado cria um circuito informal que gera novas territorialidades”, acrescenta o pesquisador.

Sem fronteiras – Lucas Melgaço estendeu seu levantamento à Região Metropolitana de Campinas, por considerar que a violência na cidade não pode ficar circunscrita aos seus limites territoriais. “A violência tem uma lógica diferente, não segue fronteiras políticas, criando uma teia que justifica um estudo além do município. Não por acaso, o alto índice de criminalidade na região sudoeste se estende para Paulínia, Sumaré, Hortolândia, Monte Mor e Nova Odessa, cidades que também receberam grande número de imigrantes atraídos pelas promessas de emprego”, conclui o geógrafo.